RESENHA 2

Resenhado por Carlos Alberto Gonçalves da Silva*

GUERRA, Vânia M.L. *Práticas discursivas*: crenças, estratégias e estilo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. 215 p.

O livro, "*Práticas discursivas: crenças, estratégias e estilo*", de autoria de Vânia Maria Lescano Guerra, professora titular da Graduação e Pós-Graduação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, objeto desta resenha, é resultado de um trabalho e de uma reflexão cuidadosa, consciente e crítica, das incursões da autora no âmbito da pesquisa em Análise do Discurso, nos estudos foucaultianos, nos estudos funcionalistas e semânticos de perspectiva discursiva e nos estudos culturais.

Este trânsito por disciplinas e o trabalho criterioso da autora atestam a sua força teórica e relevante contribuição refletindo sobre as práticas do professor, sobre a metodologia de análise do discurso e sobre questões relativas à produção e compreensão dos processos discursivos: da literatura, da mídia, do político, do trabalho e da exclusão social e histórica. O livro se divide em quatro partes: "Discursos e conceitos", "Discurso e referenciação", "Discurso, mídia, empresa e política" e "Discurso e ensino". Cada parte, por sua vez, traz trabalhos relacionados às práticas discursivas mencionadas, discutindo questões importantes e atuais.

Nessa visão transdisciplinar, os textos "Um estudo da transgressão sob a ótica de Bakhtin" e "Sujeito, discurso e ideologia na Análise do Discurso", integram a primeira parte da obra. O primeiro procura estudar conceitos articulados por Bakhtin, a partir de sua concepção de linguagem como um sistema permeado por uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o "eu" e o "outro", entre muitos "eus" e muitos "outros". A autora analisa o pronunciamento do Primeiro Comando da Capital (PCC) à mídia televisiva. Dessa feita, são rediscutidas – e de modo muito interessante - categorias como "polifonia", "carnavalização" e "dialogismo" (só para citar algumas) que, pela poderosa sugestão que contêm, oferecem respostas muito produtivas para questões que, nascidas no terreno da especialização literária, transcenderam amplamente os seus limites, mobilizando representações e identificações.

O segundo texto aborda as questões teóricas da Análise do Discurso, de perspectiva francesa, a partir dos conceitos-chave de *sujeito, discurso e ideologia,* no intuito de provocar um diálogo entre professores e alunos a respeito desse vasto campo de trabalho em Linguística. Nessa visão, interessa o texto não como objeto final de sua explicação, mas como algo que permite ter acesso ao discurso. Segundo Guerra, o discurso não pode ser concebido fora do sujeito e nem este fora da ideologia, uma vez

* FATEC - Faculdade de Tecnologia de Jales.

que esta o constitui. Inevitavelmente, essa ideologia incide, também, na formação profissional do sujeito.

Na segunda parte do livro têm-se os textos "Referenciação e oralidade do discurso literário" e "Referenciação e o processamento discursivo da sala de aula", Guerra investiga como o discurso literário e pedagógico constroem seus mundos a partir da linguagem oral. Para isso, no primeiro, a autora analisa o romance *O coronel e o lobisomem*, de José Cândido de Carvalho (1982), em que o discurso-narrador apresenta-se multifacetado pela condensação de papéis que o cindem, o que permite o encadeamento de elementos favoráveis à hipótese de que as marcas de subjetividade, que o discurso do coronel Ponciano produz, atestam uma natureza fragmentada, porque dividido em seus papéis. No segundo texto, a autora examina os efeitos de sentido do discurso pedagógico, a partir de diferentes estratégias de referenciação, na prática discursiva de sala de aula de Língua Materna. As orientações funcionalistas trazem o estudo de Neves (1999, p. 39) para quem, a partir de núcleos nocionais, "a gramática é flexível porque é ajustável e se molda por acomodação, sob pressões de natureza discursiva". As estratégias do processamento da referenciação surgem como um fenômeno importante na constituição da fala pedagógica, tanto que perpassa outros fatos da língua em vários planos e níveis (recursos fonológicos, morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos e da estrutura textual) e atinge elementos isolados. Independentemente do tipo de recurso utilizado, ele é sempre de caráter discursivo, afirma Guerra.

A terceira parte é composta por quatro textos. Em a "Representação e gênero no discurso midiático", tem-se a problematização do discurso da mídia, via revistas femininas, a fim de estudar a construção da identidade/representação feminina no nosso país, neste início do século XXI. O segundo o texto, a mulher não é a eterna vítima por propensão interior, mas é vítima de estereótipos e preconceitos. Também o homem é vítima das cobranças por dever sempre ser (ou representar) o ser corajoso, aquele que toma as iniciativas, o ser liberado sexualmente.

"A violência, o poder e a memória na construção do discurso midiático", integrante dessa terceira parte, busca investigar a heterogeneidade que engendra o texto jornalístico da Reportagem Especial sobre crime e impunidade, trazida pela Revista Veja (janeiro de 2007), problematizando como, a partir do interdiscurso que ancora cada notícia nessa revista, é possível interpretar novos sentidos que instauram uma luta de vozes que não poderia ser interpretada se cada texto fosse lido isoladamente. Para Guerra, os veículos de comunicação fazem circular os sentidos que podem e devem ser lidos, estabelecendo relações históricas entre discursos, que para muitos leitores, passarão despercebidas ou naturalizadas.

Ainda, na parte 3, o texto "Um estudo da polifonia e dos intertextos da linguagem empresarial" constitui uma análise do discurso empresarial, na situação comunicativa entre o dirigente da CESP (Companhia Energética do Estado de ao Paulo) e funcionários, por intermédio do jornal *Linha Direta – CESP*. Investigando o processo discursivo sob a perspectiva de diferentes enunciações, Guerra mostra que a lin-

guagem empresarial é argumentativa, especialmente quando a intenção do locutor-presidente é enaltecer a empresa estatal e suas respectivas decisões. O último trabalho dessa parte, intitulado "A argumentação no texto político: aspectos da pressuposição e da polifonia", busca a análise de um *corpus* constituído por um texto escrito, intitulado "Trabalho e seriedade", retirado de uma seção do jornal *A Folha de S. Paulo*, Tendências/Debates, cuja finalidade é publicar opiniões sobre problemas brasileiros e mundiais. Verificou-se que as categorias da pressuposição, dos pronomes e dos operadores, no bojo do fenômeno da polifonia, constituem-se em uma manobra argumentativa de grande eficácia, inscritas na própria língua, lugar de debate e confronto das subjetividades.

A parte final do livro apresenta quatro trabalhos: o primeiro "A construção do sujeito da educação a partir dos mecanismos de controle" vem problematizar as práticas de subjetivação na instituição escolar, a partir das atividades desenvolvidas nas salas de aulas da rede pública do ensino fundamental. Apoiada em Foucault (1973), Guerra afirma que, entre os mecanismos para a apropriação social dos discursos, o mais importante é o sistema escolar. Por meio dele, qualquer indivíduo pode ascender a qualquer tipo de discurso. No entanto, a escola tem se constituído num mecanismo de controle dos discursos, impondo aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e de conteúdos: os indivíduos precisam satisfazer a uma série de exigências, para só depois se tornarem qualificados para o exercício do discurso.

Em "Considerações sobre as relações de poder na sala de aula", também fundamentado nas ideias foucaudianas, a partir da análise do discurso pedagógico em escola do ensino fundamental, a autora procura mostrar que *saber e poder* se implicam mutuamente. A isso se acrescenta uma reflexão relevante sobre os jogos de imagens entre professor e aluno. Não há relação de poder sem constituição do saber; todo saber constitui, por sua vez, novas relações de poder. Todo o exercício do poder é também um lugar de formação do saber. Assim, a Instituição-Escola é um lugar de ensino, produção, acúmulo e transmissão do saber, lugar de trocas, reflexões, estudos.

Já no texto "Um estudo do discurso pedagógico sob a perspectiva da categoria de relevo" Guerra estuda o funcionamento do discurso pedagógico e identifica seus efeitos de sentido, na interação de sala de aula, com a finalidade de conhecer as teorias que subjazem as relações do ensino da leitura e da escrita. A autora verifica que o professor procura controlar as atividades desenvolvidas por meio de exercícios do livro didático, enfatizando aos alunos o cumprimento das tarefas, atividades, trabalhos, leituras, enfim, tudo aquilo que ele determina. Essa função de intermediário que o professor tem, em relação ao material didático, leva-o a assumir um pretenso "discurso científico" que é didatizado, uma forma de autoria regida pelo material didático.

O último texto, "A atividade reflexiva na escola: crenças, estratégias e estilos", estuda os aspectos ideológicos e discursivos que permeiam a fala do professor de Língua Materna na escola pública do nível fundamental. Segundo a autora, se existe um raciocínio estereotipado, o aprendiz pode ser estimulado a olhar cada aconteci-

mento histórico ou cada texto por meio de múltiplas perspectivas, sendo estimulado a compreender os jogos de linguagem. É saindo de um enfoque conteudístico, normativo e corretivo do ensino da leitura e da escrita que os alunos vão aprender desenvolver estratégias de compreensão, na direção da transdisciplinaridade.

Diante disso, a autora convida os pesquisadores, professores e estudantes da área a olhar as problemáticas que o livro traz de um lugar que extrapola a estrutura linguística e mostra que as tramas dos textos são permeadas por contingências históricas, sociais, ideológicas, políticas que interferem o fazer linguístico/textual, mas que são mascaradas justamente por suas estruturas. É realmente um convite para que nós façamos o esforço para, com ela, enredarmos outro texto enquanto resultado de suas pesquisas, de suas inquietações que ora trazemos a público.